CRÔNICA



Beto Seabra • *betoseabra2010@gmail*

Sara e Clarice



A leitura de entrevistas antigas é um bom exercício para conhecer a história enquanto ela acontece e sem as lentes ideológicas de quem a interpreta a posteriori. Com isso, não quero dizer que os historiadores são seres terríveis que mudam a verdade sobre os acontecimentos passados de acordo com suas visões de mundo. De jeito nenhum. É que nenhuma análise sobre o que passou, por mais rigoroso que seja seu intérprete, está isenta de interpretação, por supuesto.

Já a leitura de jornais e revistas antigas, caso se confirme a fidedignidade das informações, permite ao leitor de hoje que ele próprio tire suas conclusões sobre fatos antigos. Recentemente, li uma entrevista dada por Sara Kubitscheck, então esposa de JK, a ninguém menos que Clarice Lispector, quando esta era jornalista contratada pela revista Manchete. A conversa entre as duas mulheres, complementada depois por respostas por escrito às perguntas que ficaram pendentes, foi publicada em 19 de outubro de 1968, portanto há 58 anos.

Clarice faz questão de elogiar a letra de D. Sara, "clara e legível", para confirmar que a própria ex-primeira-dama havia escrito as respostas restantes. Chama atenção o trecho 'político' da entrevista. Estávamos a poucas semanas da edição do Ato Institucional nº 5, o famigerado AI-5. Enquanto isso, Juscelino, João Goulart e Carlos Lacerda haviam sido proibidos meses antes pelo governo militar de continuarem as articulações para a criação da Frente Ampla, um movimento com vistas à redemocratização do Brasil.

Com seu jeito franco, a certa altura da entrevista Clarice pergunta se D. Sara pensava em ser candidata ao governo de Minas Gerais, pois JK tivera os direitos políticos cassados por 10 anos, em 1964. O então governador eleito de Minas, Israel Pinheiro, estava em meio de mandato e uma nova eleição deveria acontecer em 1970. No entanto, o calendário eleitoral foi anulado pelo AI-5, como sabemos, e Rondon Pacheco seria o indicado para o posto de forma indireta.

Tendo sido primeira-dama em três situações: quando JK foi prefeito de Belo Horizonte; depois quando seu marido foi governador do estado e, finalmente, presidente da República, D. Sara tinha muito prestígio entre os mineiros, pois havia sido uma primeira-dama operosa, que criou as Pioneiras Sociais, voltada para a assistência social e o atendimento médico especializado, décadas antes da existência do SUS.

Simples e direta, D. Sara responde que jamais havia pensado na possibilidade de concorrer ao governo de Minas. "Se o meu nome tem sido cogitado para essa missão, eu nada posso dizer, pois de mim não partiu nenhum movimento nesse sentido", completa.

Clarice não insiste no assunto. Mais à frente retorna ao tema político por outro viés. Pergunta a D. Sara como ela havia suportado o exílio. Dessa vez a ex-primeira-dama não mede as palavras: "Quem instituiu o exílio sabia bem como torturar uma pessoa", responde. Em 13 de dezembro de 1968, portanto dois meses após a entrevista, o AI-5 é decretado, o Congresso Nacional é fechado, é instituída a censura prévia e o habeas corpus é suspenso. D. Sara não poderia mais dar entrevistas.